

## A SEMANA – 164

John Gledson

A chave desta crônica talvez se encontre no último parágrafo: é curta (“de cinco dias”; menos de 900 palavras) porque a matéria é escassa, e a vontade mínima; embora a graça de sempre esteja também presente. Praticamente todo o material vem, ou de notícias encontradas na *Gazeta* do sábado em que escrevia (com a única exceção do boato de revolução em Portugal, do *Paiz* do dia anterior), da aljava do cronista (a duquesa de Devonshire e o açougueiro) ou de considerações sobre sistemas eleitorais e parlamentares – com mais uma referência ao “estelionato” de julho de 1868. A satisfação do cronista em encontrar males supostamente brasileiros noutros países mais avançados – o caso da violência em Newcastle – é patente.



## A SEMANA

21 de julho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Ontem, sábado, fez-se a eleição de um senador pelo Distrito Federal.<sup>1</sup> Votei; estou bem com a lei e a minha consciência. Enquanto se apuravam os votos, vim escrever estas linhas, que provavelmente ninguém hoje lerá. Não me perguntem a quem dei o voto; ao eleitor cabe também o direito de ser discreto. É até certo ponto um segredo profissional.

A coincidência da eleição aqui com a da câmara dos comuns de Inglaterra<sup>2</sup> fez-me naturalmente refletir sobre os processos de ambos os países. Não aludo aos trinta mil discursos que se fazem nas ilhas britânicas diante de eleitores que desejam ouvir o pensamento dos candidatos. Os candidatos aqui estariam prontos a dizer o que pensam; mas é incerto que as reuniões fossem concorridas. Demais, basta ler a última sessão da câmara dissolvida para conhecer a diversidade dos costumes. Quando um dos ministros deu notícia de que o gabinete estava demitido e havia sido chamada a oposição ao governo, levantou-se o *leader*<sup>3</sup> desta, e bradou contra o gabinete liberal, por não ter dissolvido a câmara, impondo agora essa tarefa à oposição.<sup>4</sup> Nós, quando tínhamos

---

<sup>1</sup> A eleição, para preencher a vaga de Saldanha Marinho, aconteceu no dia 20. Foi eleito o republicano histórico José Lopes da Silva Trovão (1848-1925). O incidente contado mais abaixo, dos mesários ausentes, é provavelmente ficcional, e inspirado na seguinte declaração das autoridades, publicada na *Gazeta* do dia 20: “Em vista das disposições citadas, parece à comissão *não ser lícito aos eleitores de umas seções votarem em outras onde não estejam alistados, ainda mesmo sob pretexto de se não haver reunido a mesa eleitoral.*”

<sup>2</sup> Em 21 de junho, caíra o governo liberal chefiado por lord Rosebery, devido a conflitos dentro do próprio partido liberal, e à oposição do próprio Rosebery à autonomia (Home Rule) irlandesa.

<sup>3</sup> Aurélio traz “líder”, seguindo o seu costume de modernizar, neste caso e na ocorrência seguinte.

<sup>4</sup> O governo de Rosebery foi derrotado na câmara dos comuns numa moção de censura contra o ministro da guerra, Henry Campbell-Bannerman. Foi a última vez na história da câmara em que caiu um governo que dispunha de maioria (alguns liberais dissidentes votaram contra o seu próprio partido). O governo conservador que seguiu não demorou em convocar eleições, que ganhou com ampla maioria – nesta semana, de fato, os telegramas davam detalhes dos resultados. No regime imperial, as mudanças de governo dependiam do imperador (a coroa); dissolvia-se a câmara, e ia-se para novas eleições, com resultado sabido de antemão. O processo delineado aqui, com certa ironia, corresponde ao célebre “estelionato” de julho de 1868, assunto da crônica de 2 de junho (157), que envolveu Saldanha Marinho.

parlamentarismo, o ato da oposição seria diverso; dir-se-iam algumas palavras duras à coroa, outras mais duras aos ministros novos, e cada qual ia cuidar do seu ofício.

Se cada país tem os seus costumes eleitorais, nem por isso a Inglaterra usa só de discursos e *meetings*; há também cabala, e grossa. Há até fraude, se é certo o que dizem telegramas de ontem, sobre haverem os governadores usado dela para impedir a eleição do *leader* liberal, do que resultaram *meetings*, discursos, e pancadaria.<sup>5</sup> Antes a cabala; é legítima,<sup>6</sup> natural, verdadeira seleção de espertos e ativos.

Dizem até (e para isto chamo a atenção das leitoras), dizem que as *ladies* ajudam a cabala eleitoral com grande animação. Afirmam que fazem visitas aos eleitores, entram nas pocilgas mais repugnantes, falam ao eleitor e à mulher, pegam dos filhos deles e os põem ao colo. Acrescentam que, quando saem dali, sacodem as sandálias, mas contam com o voto; e o voto é certo, porque as *ladies* do partido adverso fazem a mesma coisa, e o eleitor serve a uma delas, embora seja obrigado a roer a corda à outra. Ninguém ignora o caso da bela fidalga que concedeu um beijo a um açougueiro, à porta do açougue, para que ele votasse em Fox.<sup>7</sup>

Não aconselho às damas deste país o beijo aos açougueiros, nem a outros quaisquer eleitores. Sei que há muito Fox que mereceria o sacrifício: mas nem todos os sacrifícios se fazem. Entretanto, as moças podiam cabalar modestamente. Um aperto de mão, um requebro de olhos, quatro palavrinhas doces, valem mais que os rudes pedidos masculinos.

Uma coisa que as moças podiam alcançar, era o comparecimento de todos os mesários às respectivas seções, para que os eleitores votassem certos e descansados. Ontem encontrei alguns deles inquietos, por acharem uma seção vazia, sem sombra de mesa que lhes recebesse as cédulas. Disse-lhes que a doença de um, a morte de outro, uma visita, a demora do barbeiro, um carro quebrado, mil acidentes podiam explicar a

---

<sup>5</sup> Refere-se a um telegrama publicado na *Gazeta* no sábado, dia 20, de Newcastle: “A derrota do *leader* liberal Rt. Hon.[Right Honourable] John Morley é objeto de muitos comentários. Os órgãos deste partido acusam os conservadores de terem empregado meios fraudulentos para fazer triunfar seus candidatos. / Os partidários do ex-ministro lord Rosebery fizeram esta manhã aqui uma grande manifestação para protestar contra a eleição realizada ontem. Foram pronunciados discursos muito violentos contra o atual primeiro-ministro lord Salisbury e os unionistas. Foram ouvidos gritos sediciosos, tendo a polícia que intervir e intimou-os a dissolver a reunião. Esta ordem não sendo atendida, os polícias atacaram a multidão que lançou-lhes pedras. Foram disparados tiros de revólver contra os *policemen*. Deste conflito resultaram numerosos feridos e muitos gravemente. A ordem só foi restabelecida depois que chegou uma companhia de infantaria de linha. / Os espíritos continuam sempre muito excitados. Temem-se novos conflitos.”

<sup>6</sup> Esta vírgula está ausente na *Gazeta*. Aurélio a repõe.

<sup>7</sup> Um caso a que Machado se referiu antes (“Bons Dias!”, 18 de novembro de 1888): Georgina Cavendish, duquesa de Devonshire (1757-1806), bela, famosa e atrevida, apoiou a candidatura do “whig” (liberal) Charles James Fox (1749-1806) desta maneira. Virou escândalo, assunto de charges, etc.

ausência dos membros da mesa, sem que daí viesse mal ao mundo, uma vez que não caía o céu abaixo. Não obstante, quiseram votar em separado na minha seção.

Não entendi a resolução, como não entendi o boato da República em Portugal (já agora desmentido oficialmente).<sup>8</sup> Não tendo havido sequer um conto a que se acrescentasse um ponto, era evidente que o boato nascera aqui mesmo de coisa nenhuma. Se o fim era influir no câmbio, estava justificado. Negócio é negócio, e não sei que seja mais desonesto inventar uma revolução incorreta e uma república sem realidade, que levar-me cem mil-réis por um objeto do valor de setenta. Ao contrário, levando-me cem por setenta, perco trinta mil-réis certos, ao passo que a coroa de D. Carlos continua a pousar na real cabeça, sob a forma de um simples chapéu. Os efeitos do câmbio podem ajudar a uns, em detrimento de outros, é verdade; mas não é isso mesmo a luta pela vida?

Quer-me parecer, entretanto, que há um sindicato formado para explorar a credulidade pública. Sem nenhum intento lucrativo, é seu único objeto rir um pouco, a fim de curar a incurável melancolia dos sócios. Quinta-feira foi destinada à República de Portugal. Dizem que o boato começou às 11 horas; talvez o plano fosse caminhar um pouco e dar às 2 horas a união ibérica proclamada, e as duas línguas, espanhola e portuguesa, em marcha para uma só espanhola, e os *Lusíadas*, convertidos em poema provinciano, traduzido por ordem do ministro do Fomento. Às 3 horas, o sindicato diria que a Inglaterra, amando todos os Egípcios possíveis, no que faz muito bem, teria mandado para o palácio das Necessidades um dos seus lordes temporais.<sup>9</sup> Às 4 horas os janotas de Lisboa perguntariam uns aos outros, por graça e novidade: *How do you do?*

Se é isto, continuem. Uma boa organização de imaginosos e discretos pode dar alegria à cidade e ajudar a levar a cruz da vida. Se amanhã ou depois nos derem a

---

<sup>8</sup> A *Gazeta* só se refere a este boato de passagem; *O Paiz*, na sexta-feira, dia 19, tem uma notícia na primeira página, desmentindo o boato, e parece ser esta que Machado leu. Cito algumas frases: “Para não desmentir as tradições que já fizeram esta cidade ser chamada Boatópolis; esgotados todos os recursos da bossa da mentira, no que diz respeito aos negócios locais; a fantasia dos despreocupados atirou ontem aos quatro ventos desta capital o boato de que rebentara em Portugal um movimento revolucionário, a fim de proclamar a república. / (...) E a praça, o viveiro em que proliferam os boatos, aumentou logo as proporções do caso, assegurando que o movimento já era vitorioso!... / Tudo isto se passava cedo, ali pelas 11 horas da manhã. (...) / Toda a tarde e parte da noite passaram-se nessa dúvida relativa à revolução democrática em Portugal. Em nosso escritório, de momento a momento, entravam cavalheiros a pedir-nos informações, ou soava o telefone para idênticos pedidos. / Invariavelmente respondíamos tratar-se de um simples boato – a República em Portugal substituindo a tomada de Porto Alegre pelos federalistas.”

<sup>9</sup> O Palácio das Necessidades era a residência dos reis de Portugal, na Ajuda. A referência irônica ao Egípcio é ao imperialismo do Reino Unido, que invadira esse país em 1882 e ainda o dominava. Ainda estava fresco na memória o “Ultimato” de 1890, em que o governo britânico forçou a retirada de tropas portuguesas de uma faixa de território africano, que teria ligado as colônias de Angola e Moçambique.

entrada de Crispi para um convento, ou a conversão de Bismarck ao catolicismo,<sup>10</sup> podem abrir uma assinatura e desde já me inscrevo por um ano.

Esta semana parece de cinco dias; mas não lhe dou mais uma hora; adeus.



---

<sup>10</sup> Francesco Crispi (1818-1901), primeiro ministro da Itália neste momento, foi o “homem forte” da política italiana. De fato, tinha sido anticlerical, mas neste momento tentava reaproximar-se da Igreja, por razões políticas. Otto von Bismarck (1815-1898), o “chanceler de ferro” alemão, agora fora do poder, era protestante, e desconfiava dos católicos e do poder do papa. Entre 1871 e 1887, chefiou uma campanha contra o poder da Igreja romana no Império alemão, chamada “Kulturkampf”.